

**Rádio-Leituras**

## **Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa**

Lourival da Cruz Galvão Júnior

### **Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa**

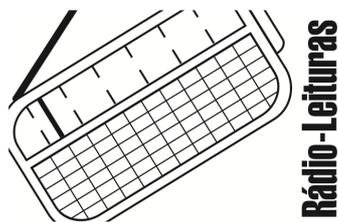
Lourival da Cruz Galvão Júnior<sup>1</sup>

#### **Resumo**

A incorporação das tecnologias digitais na sociedade e o processo de convergência das mídias têm levado o rádio contemporâneo a adotar uma postura diferenciada no tocante à produção e à veiculação dos conteúdos, que se libertam das ondas eletromagnéticas para se tornarem também disponíveis no ciberespaço. No caso do jornalismo, experiências relacionadas à formação universitária buscam ressaltar aspectos da linguagem radiofônica, como a capacidade de estimular nos indivíduos a criação de “diálogos mentais” sobre aquilo que foi noticiado, seja de maneira analógica ou digital. Em Portugal, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL), atividades que ressaltam esse aspecto sensorial são promovidas na disciplina Atelier de Jornalismo Radiofônico, ministrada no curso de Licenciatura em Comunicação Social. As ações de caráter teórico/práticas acompanhadas durante o primeiro semestre de 2013 revelaram que, mesmo com recursos laboratoriais escassos à produção radiofônica jornalística, empregaram-se as tecnologias digitais disponíveis

---

<sup>1</sup> Professor assistente do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté – UNITAU, leciona diversas disciplinas dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, com destaque às vinculadas ao rádio. É também doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), área de concentração III - Interfaces Sociais da Comunicação, da Linha de Pesquisa Comunicação e Educação. Pesquisador do grupo de Pesquisa Cibernética Pedagógica / Laboratório de Linguagens Digitais (CNPq) do CCA/ECA/USP, e do NUPEC - Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté – UNITAU, realizou pesquisa sobre a formação em Radiojornalismo e a convergência midiática no curso de Licenciatura em Comunicação Social da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL), Portugal, entre setembro a novembro de 2013. Mestre em Linguística Aplicada pela UNITAU (2001) é graduado em Jornalismo pela mesma Instituição (1994). Email: [galvaojr@uol.com.br](mailto:galvaojr@uol.com.br)



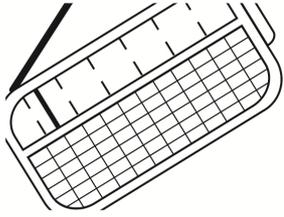
para potencializar os aspectos sensoriais dos conteúdos sonoros, adequando-os ao novo ambiente convergente no qual o jornalismo está inserido.

**Palavras-chave:** Rádio; Jornalismo; Formação; Convergência; Tecnologias Digitais; Linguagem

A comunicação vive a era das tecnologias digitais e da convergência das mídias. Não se trata de um momento extemporâneo, mas definitivo à sociedade, que parece não conceber mais o cotidiano sem os *gadgets* que permitem quase tudo. Para se comunicar, depende-se cada vez mais de *smartphones*, *tablets*, *notebooks* e computadores, aparatos que potencializam o acesso à informação. Graças a esses e outros dispositivos tecnológicos, a captação, a elaboração, a transmissão e a recepção dos conteúdos comunicacionais progressivamente deixam a conformação analógica para tornarem-se digitais. A cada momento espera-se por uma tecnologia que ocupará o lugar daquela que outrora foi inovação e, agora, é obsolescência. Instaurou-se um ciclo irrevogável que exige um novo repensar sobre como preparar, hoje, os comunicadores que atuarão em um futuro muito próximo.

No Brasil, esse cenário tem sido um dos fatores que motivaram a reformulação curricular das habilitações em Comunicação Social. O curso de Jornalismo foi o primeiro a estabelecer novas diretrizes curriculares, conforme resolução nº 1 do Ministério da Educação publicada no Diário Oficial da União, no dia 27 de setembro de 2013. Busca-se, em medidas deste tipo, promover a formação de profissionais críticos e aptos a atender o interesse coletivo, e não às expectativas mercadológicas ou classistas que descaracterizam a essência social do trabalho jornalístico.

Em outros países há também ações que demonstram preocupação em formar jornalistas críticos quanto a seu papel na sociedade. Exemplo disso é o trabalho realizado em Portugal na disciplina *Atelier de Jornalismo Radiofônico*, ministrada aos alunos do curso de Licenciatura em Comunicação Social da Faculdade de Ciências



## Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa

Lourival da Cruz Galvão Júnior

Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL)<sup>2</sup>, objeto de estudo que motivou a elaboração deste texto.

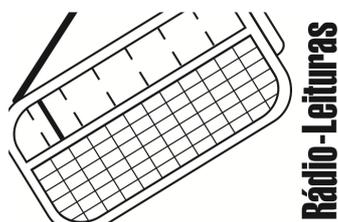
Observou-se, nas aulas ministradas da faculdade lusitana, que a presença das tecnologias digitais e o processo de convergência das mídias são tratados de maneira a não se afastarem das características peculiares à radiodifusão, como a geração de estímulos sensoriais capazes de deflagrar, nos indivíduos, a reflexão sobre o que é noticiado. Antes de tratar das ações empreendidas na FCSH/UNL é oportuno abordar o aspecto sensorial do rádio que estabelece, por intermédio de seus conteúdos sonoros, elementos comunicacionais que promovem no cérebro os mais diversificados significados.

Considerado como componente indispensável à radiodifusão, o som tem a capacidade de estimular na mente concepções particulares sobre algo que é difundido. Ortriwano (1985, p. 80) chama de *diálogo mental* essa peculiaridade que merece ser observada e priorizada na formação em Radiojornalismo<sup>3</sup>. Pelo som são estabelecidos significados baseados no repertório de conhecimentos dos indivíduos e, por consequência, promove-se a significação daquilo que foi dito ou narrado, oportunizando uma reflexão aguçada e profunda dos assuntos tratados. Esse

---

<sup>2</sup> Realizei nessa instituição, entre setembro a novembro de 2013, parte de minha pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Na ocasião, analisei a inserção das tecnologias digitais e da convergência no processo de formação dos jornalistas que atuarão no rádio em Portugal. Utilizei, como recorte analítico, as ações empreendidas no *Atelier de Jornalismo Radiofônico*. Meus estudos foram viabilizados pelo Programa de Bolsas de Mobilidade Internacional Santander e pelo convênio de cooperação científica entre a FCSH/UNL e a ECA/USP, por intermédio do Grupo Cibernética Pedagógica – Laboratório de Linguagens Digitais, do qual faço parte.

<sup>3</sup> Nos cursos de jornalismo, o termo Radiojornalismo refere-se à disciplina que capacita alunos a coletar, produzir e difundir conteúdos noticiosos pelo rádio. Considera-se o *Atelier de Jornalismo Radiofônico* da FCSH/UNL análogo ao Radiojornalismo devido à similaridade das ações teórico/práticas existentes entre ambas as disciplinas.



acontecimento é decorrente da capacidade sensorial humana de ter “despertada a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais” (*op. cit.*, p. 80).

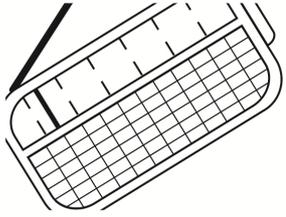
O envolvimento pode até chegar ao ponto de o ouvinte estabelecer, na mente, algo semelhante a uma conversa presencial com o emissor da mensagem transmitida pelas ondas do rádio. Nos demais meios, revela-se também a ocorrência de estímulos sensoriais, mas de nuances limitadas. No caso da televisão, a predominância da imagem e o papel coadjuvante do conteúdo sonoro limitam a imaginação, enquanto nos meios impressos o estímulo sensorial se mantém contido, uma vez que depende da composição gráfica, do repertório de conhecimentos do leitor e das inferências que ele fará no decorrer da decodificação dos signos verbais escritos.

Apesar de não fazer citação direta às tecnologias digitais, Ortriwano demonstra preocupação com a prevalência dos audiovisuais ao rebater o ditado popular “uma imagem vale por mil palavras”, ainda muito recorrente na atualidade. “O rádio realmente usa mil palavras para criar uma imagem, que vão permitir que se criem muito mais do que mil imagens mentais. Orson Welles e sua transmissão de *A Guerra dos Mundos*, realizada em 1938, já provou isso concretamente” (*op. cit.*, p. 81).

Desde as primeiras transmissões hertzianas<sup>4</sup>, o rádio destaca-se devido à sua capacidade sensorial. A internet e as tecnologias digitais potencializaram a mensagem radiofônica, que não somente dispõe de maior teor informativo, como também teve amplificada a disseminação dos conteúdos sonoros entre os mais diversos públicos. A convergência midiática, entendida como ação relacionada ao “fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (JENKINS, 2008, p. 27), é o aspecto decorrente dessa nova realidade.

---

<sup>4</sup> O termo faz referência a Heinrich Hertz (1857-1894), que “construiu um aparelho com o qual confirmou a existência das ondas eletromagnéticas” (COSTELLA, 1984, p. 149). Pelas ondas hertzianas foi possível transmitir inicialmente o código Morse e, posteriormente, o som.



**Rádio-Leituras**

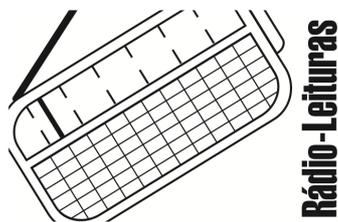
## **Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa**

Lourival da Cruz Galvão Júnior

Ressalta-se, contudo, que a convergência caracteriza-se como palavra definidora das atuais transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais e como ação efetiva que não depende necessariamente de aparatos tecnológicos sofisticados, pois ocorre “nos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com outros” (ibidem). Na concepção de Jenkins, os agentes receptores (sejam eles ouvintes, espectadores de televisão, internautas ou leitores) assumem o papel de seres vinculados a um processo coletivo de consumo, baseado nas interações diárias dentro de uma cultura de convergência. Ele considera, neste sentido, que a circulação dos conteúdos por meio de diferentes sistemas midiáticos, administrativos de mídias concorrentes e de fronteiras nacionais depende fortemente da participação ativa de pessoas que são consumidoras (ibidem).

A convergência atua como estimuladora de uma transformação cultural na medida em que os indivíduos, no papel de consumidores, são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos. No rádio, a convergência possibilita ampliar a disseminação dos conteúdos, que podem se tornar mais abundantes, acessíveis e abrangentes. Se no passado o rádio foi privilegiado pela audiência analógica, tornando-se presente nos lares, nos locais de trabalho e de lazer, entre outros, o atual momento propicia, ao meio, condições antes inimagináveis. Ao tratar da internet como o lugar central nos palcos de discussão da sociedade, Ortriwano (1998, p. 28) enfatiza que esse espaço virtual torna-se meio para diferentes manipulações radiofônicas, servindo de suporte para transmissões normais, plataforma de emissoras virtuais e *radio on demand*.

Apesar do novo cenário, o conteúdo sonoro do rádio propagado no meio analógico ou no suporte digital continuará agindo nas mentes humanas da mesma maneira. Isso ocorrerá porque o som, ao ser absorvido pelo indivíduo, gera condições de alta ou de baixa estimulação. O estímulo é considerado baixo se os conteúdos não tem o propósito de mobilizar a audiência, ou seja, o som apenas possibilita momentos de lazer e de descontração, como no caso da transmissão musical. Porém, o estímulo é

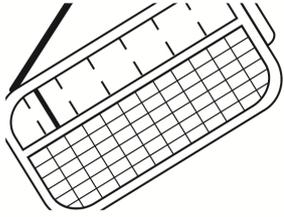


compreendido como alto quando aquilo que é transmitido tem a função mobilizar, ou seja, busca prender a atenção do ouvinte levando à reflexão, como no caso do Radiojornalismo (ORTRIWANO, 1985, p. 29).

O rádio, assim como a televisão e as mídias impressas, busca na internet a complementaridade dos conteúdos com o propósito de possibilitar aos indivíduos uma experiência de alta mobilização. Inicialmente, a internet serviu de plataforma complementar para disponibilização, seja em totalidade ou em parte, de conteúdos sonoros que antes eram transmitidos de forma analógica somente pelas ondas eletromagnéticas, permitindo aos ouvintes um acesso diferenciado àquele que era vigente. Hoje, a internet permite o estabelecimento de ações convergentes que agregam, aos conteúdos sonoros radiofônicos, novos significados expressos em imagens e textos dos mais diversos gêneros.

No Brasil, um expressivo número de emissoras de rádio divulga, em suas programações sonoras, a posse de uma *homepage* na internet. Todavia, nota-se um uso diversificado das potencialidades desta ferramenta digital devido às questões relacionadas à usabilidade que estabelece, a partir de um conjunto de características, um determinado grau de interação entre o usuário e o conteúdo disponível. A usabilidade não se condiciona apenas ao conhecimento da configuração da arquitetura de um *site*, mas a compreensão de que este ambiente virtual detém dispositivos que permitem uma interação efetiva (Ferrari, 2004, p. 60-63).

No caso das *homepages*, a usabilidade permite ao usuário completar as tarefas solicitadas de maneira funcional, tornando-se, neste sentido, um campo de interação que serve de ponte entre computadores e os indivíduos. Prata (2009, p 38-39) considera que essas páginas assumem a função de “porta que recebe o internauta”, sendo compostas por uma diversidade de elementos que tem o intuito de estabelecer processos interativos com o público. A internet, que possibilita a existência desse suporte digital convergente, onde se estabelecem a disseminação dos variados conteúdos, configura-se como canal de comunicação horizontal de custo acessível e de



## **Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa**

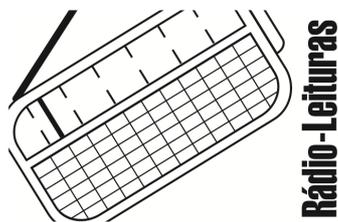
Lourival da Cruz Galvão Júnior

acesso não controlado, tanto de um para um quanto de um para muitos. O meio virtual detém um potencial extraordinário para fins de expressão dos direitos dos cidadãos e da comunicação dos valores humanos, capacidade que insere os indivíduos em uma “ágora pública” onde é permitido expressar inquietações e opiniões e partilhar conhecimento (CASTELLS, 2003, p. 129-162).

Com a internet, o rádio pode permitir ao ouvinte/internauta contornar a cultura global para atingir sua identidade local. Por esse meio é facultado a um determinado indivíduo a possibilidade de acesso adicional (em áudio, vídeo ou texto) a acontecimentos de sua localidade natal mesmo estando do outro lado do mundo. Outra situação de complementaridade entre rádio e internet é a preocupação com a emissão digital de áudio que oferece uma recepção de alta qualidade, livre das interferências comuns às rádios analógicas. Há também a facilidade no manuseio dos aparelhos receptores que ainda ganham um leque de ferramentas digitais complementares ao conteúdo sonoro.

Há, no ambiente digital, outro fenômeno relacionado à busca pela complementaridade entre rádio e internet: o surgimento de plataformas digitais concorrentes denominadas *Webrádios*, emissoras que, ao optarem pela operação na internet, viram-se libertas da condição de dependentes das concessões governamentais necessárias para atuação no atual campo analógico ou de uma definição ainda pouco precisa de quando e como vigorará, no país, o sistema de transmissão radiofônico digital. Evidencia-se, assim, uma “transição entre o modelo hertziano e o digital via web: o modo hertziano com presença na internet” (PRATA, 2009, p 58-59).

As *Webrádios* diferem-se das emissoras convencionais devido ao fato de as primeiras serem acessadas apenas por intermédio de uma URL - *Uniform Resource Locator*, “um endereço na internet, não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho receptor de ondas hertzianas”. O citado endereço encontra-se em uma *homepage* distinta, que no caso da *Webrádio* serve como alicerce principal dos

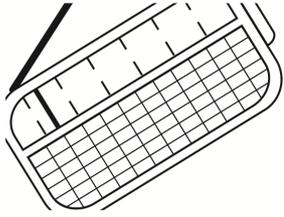


conteúdos sonoros. Os ouvintes/internautas dispõem ainda de aplicativos que visam estender, aos *smartphones* e *tablets*, os conteúdos virtuais sonoros antes acessados apenas pelos computadores. A transmissão radiofônica hertziana não depende dessa circunstância, uma vez que se apoia apenas na transmissão e recepção analógica das ondas eletromagnéticas. Neste tipo de condição, o som deve ter sentido próprio, sem ter a necessidade de apoiar-se em textos ou imagens como elementos complementares, conforme sugere as *Webrádios*.

Ainda no tocante às *homepages* é oportuno lembrar que as páginas das rádios abrigam elementos virtuais que atuam de forma complementar a transmissão da mensagem sonora, como fotos, textos escritos, animações gráficas e vídeos. Nesses espaços, o ouvinte/internauta busca os sons de sua emissora e tem ainda a oportunidade de conferir dados adicionais e variados, como sobre o programa transmitido e o assunto veiculado.

É nessa nova ambiência marcada pela internet, tecnologias digitais e convergência de conteúdos que se insere a formação em Radiojornalismo. Trata-se de um novo e amplo campo no qual estão inseridos os atores responsáveis pela prospecção, elaboração e difusão noticiosa no rádio: fontes, jornalistas, ouvintes. Esses indivíduos representam, hoje, papéis diferenciados daqueles vivenciados pelo rádio no passado, que deixa progressivamente de ser um meio controlado por agentes produtores distantes e inacessíveis, que permitem aos agentes receptores ouvir e imaginar.

No Radiojornalismo, o entendimento dessa nova realidade serve de elemento transformador de paradigmas estabelecidos em formas, em conteúdos e em linguagens que ainda pertencem a um rádio analógico, em vias de transformação. O Radiojornalismo mantém-se presente e atuante na sociedade, inserindo-se no novo universo digital por intermédio de plataformas virtuais que criam novidades ainda pouco exploradas. A formação de profissionais que atuarão neste segmento deve ater-se a esse novo cenário midiático sem, contudo, descaracterizar o rádio.

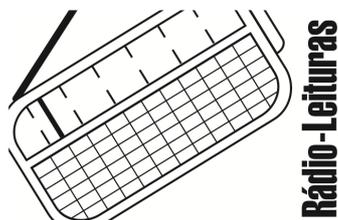


## **Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa**

Lourival da Cruz Galvão Júnior

É compreensível entender que os avanços tecnológicos digitais geram significativos ganhos à produção radiojornalística, inicialmente com a informatização do processo produtivo a partir da transposição da redação mecânica para a digitalização dos textos, depois com o uso da internet como base de pesquisa e de convergência midiática e, mais tarde, com a informatização do produto que saiu do suporte físico das fitas magnéticas para ocupar o espaço virtual dos arquivos em MP3. É notório observar também que a formação em Radiojornalismo se beneficia da nova realidade ao dispor de aparatos digitais voltados às ações de cunho pedagógico. Muitos laboratórios de informática contam, por exemplo, com computadores dotados de softwares de edição digital de áudio, enquanto os laboratórios de rádio trocaram os gravadores de rolo e as cartucheiras por equipamentos digitais atualizados.

No âmbito das tecnologias digitais, o Radiojornalismo pode usufruir de todas as características desse meio, ampliando as fronteiras da universalidade, da periodicidade, da atualidade e da difusão dos conteúdos sonoros. No contexto da convergência, o Radiojornalismo contemporâneo consolida-se como meio hipermediático, onde há multiplicidade de estratégias narrativas que conjugam a construção de conteúdo sonoro com a produção em linguagem multimídia. “O rádio multimídia e multiplataforma demanda do jornalista uma nova postura perante a notícia, e a adoção de ferramentas e técnicas de apuração variadas” (LOPEZ, 2011, p. 126). Apesar de inserir-se numa condição promissora, a formação dos jornalistas que atuarão no rádio sofre, dentre outros entraves, com a falta de interesse dos alunos, que tendem a dar preferência aos meios impressos e às novidades digitais vigentes, bem como a falta de incentivo das próprias instituições educacionais. “Algumas de nossas melhores escolas de jornalismo consideram o rádio como um mero acessório, quase um enfeite, merecedor de uma mísera disciplina perdida no currículo e não levada muito a sério” (MEDITSCH, 2001, p. 2). Merece ainda observância o alerta sobre a necessidade em formar profissionais cientes de seu papel para atuar no meio radiofônico, seja ele analógico ou digital. “Os repórteres, via de regra, precisam estar



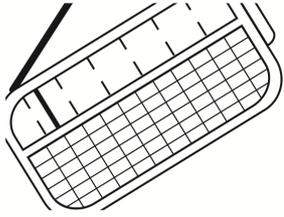
preparados para trabalhar com todo e qualquer tipo de assunto, em prejuízo da qualidade da informação a ser apresentada ao público” (ORTRIWANO, 1985, p. 99).

Considera-se, assim, imprescindível estimular a reflexão sobre a formação nessa área, sem esquecer-se das características que tornam o rádio um meio democrático, versátil e de grande expressão popular, independentemente do suporte e das condições de produção e transmissão dos conteúdos sonoros, como faz a disciplina *Atelier de Jornalismo Radiofônico*, ministrada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL), a primeira a criar uma Licenciatura em Comunicação Social em Portugal. Criado em 1979, esse inovador centro de saber estimulou, naquele país, a formação jornalística a partir do ensino de viés acadêmico, que antes era relegado às entidades classistas (MENDES, 2012). Na atualidade, a licenciatura em Ciências da Comunicação abrange as áreas de Jornalismo, Comunicação, Cultura e Artes, Comunicação Estratégica e Cinema e Televisão. Durante o curso escolhido, que tem duração de seis semestres, o aluno deve cumprir 180 créditos, sendo 120 realizados no programa de disciplinas obrigatórias, 30 no quadro de opções condicionadas e 30 créditos realizados em opções livres ou em um grupo menor de outra área científica. No tocante ao Jornalismo, a grade curricular oferece 29 disciplinas, sendo 20 obrigatórias e nove optativas (ou condicionadas) <sup>5</sup>.

O *Atelier de Jornalismo Radiofônico*, que compõe o rol de disciplinas optativas, teve em 2013 pouco mais de 20 alunos inscritos. Segundo o programa de ensino, busca-se destacar as especificidades da ação jornalística no meio radiofônico visando tornar o estudante apto a elaborar textos de caráter sonoro e a editar reportagens a partir de *softwares* de edição de áudio adotados por rádios portuguesas. Observou-se, neste quesito, o uso em sala de aula do software *Audacity*, com download disponibilizado gratuitamente na internet. Uma apresentação sobre como manusear esse programa foi feita no transcorrer da disciplina pela coordenadora técnica da FCSH/UNL, Mariana Escudeiro.

---

<sup>5</sup> [http://www.unl.pt/guia/2013/fcsh/UNLGI\\_getCurso?curso=4021](http://www.unl.pt/guia/2013/fcsh/UNLGI_getCurso?curso=4021)



## **Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa**

Lourival da Cruz Galvão Júnior

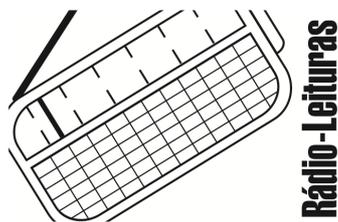
O conteúdo programático do *Atelier* trata do som enquanto elemento essencial à reportagem radiofônica, discute as pequenas reportagens, as notícias elaboradas durante o semestre e analisa o papel social do jornalista e dos conteúdos informativos das rádios portuguesas. Compara também o jornalismo praticado no rádio e nos outros meios clássicos e acompanha os trabalhos teóricos e práticos que envolvem produção, apresentação e discussão de reportagens feitas pelos alunos.

Ministradas em 2013 pelo Prof. Dr. Pedro Coelho<sup>6</sup>, as aulas do *Atelier* aconteceram às terças-feiras, das 8 às 11 horas da manhã, com intervalo de 15 minutos iniciado a partir das 9h45. Essa divisão horária é usada como estratégia para, no primeiro segmento, apresentar conceitos teóricos sobre o jornalismo no rádio. O segundo horário destina-se às ações práticas, baseadas na produção de textos e de reportagens que objetivam contemplar o conteúdo teórico. As aulas ocorreram em uma sala dotada de computadores conectados à internet e de equipamentos de projeção de vídeo e áudio. Tal estrutura compensa, em parte, a falta de um laboratório específico para a produção de conteúdos radiofônicos, que são elaborados pelos alunos em seus próprios equipamentos ou nos computadores disponibilizados pela FCSH, sob orientação de um profissional da instituição.

No *Atelier*, a avaliação dos estudantes baseia-se na produção e na apresentação de trabalhos, sendo que pelo menos duas dessas atividades práticas, que valem 30% da nota final, são elaboradas individualmente. Outros 30% são atribuídos aos trabalhos teóricos feitos em sala e os 40% restantes vem de uma grande reportagem radiofônica, com duração de 5 a 7 minutos, produzida no final do semestre. Não são aplicadas provas dissertativas escritas ou outra forma de avaliação documental de fundo teórico.

---

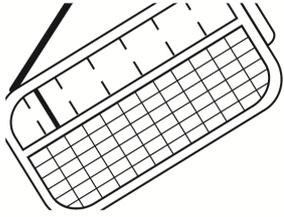
<sup>6</sup> Pedro Manuel Rouxinol Samina Coelho é Doutor em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), onde também fez mestrado e licenciatura em Comunicação Social. Jornalista desde 1988 atua como repórter especial de televisão da SIC do programa “Grande Reportagem”. Na UNL, ocupa a categoria de professor “Assistente Convidado”. Mais detalhes em



Porém, como parte da avaliação, os alunos são submetidos a uma prova oral de 15 minutos sobre o quadro conceitual associado à ação jornalística em rádio.

Na primeira aula do primeiro semestre de 2013 foram apresentadas as estratégias relacionadas à metodologia de ensino que, posteriormente, recebeu o acréscimo da produção e veiculação em sala do material radiofônico jornalístico a partir de entrevistas e reportagens. Esse propósito evidenciou que não há preocupação em atender às demandas do mercado local e, sim, estimular uma reflexão teórica aplicada à ação jornalística. As atividades práticas priorizaram uma produção empírica desvinculada à aplicação de técnicas específicas para o veículo. O propósito foi possibilitar aos alunos a percepção das noções da narrativa radiofônica a partir da elaboração de textos vindos de outras plataformas. Na primeira atividade prática utilizou-se, para esse fim, uma matéria internacional extraída de um *site* Português e, na segunda aula, exibiu-se um vídeo *Youtube* referente a uma notícia de cunho esportivo. A primeira atividade foi feita individualmente sendo, a segunda, executada em grupo. Cada trabalho foi finalizado com a apresentação oral dos textos retrabalhados a partir da linguagem jornalística radiofônica. Nessas ocasiões, o docente debateu com os alunos a relação entre o conteúdo teórico e os trabalhos práticos realizados, aproveitando também para tratar da locução, com ênfase à configuração do texto à pronúncia portuguesa.

As aulas seguintes intercalaram abordagens teóricas e práticas que focalizaram a especificidade do jornalismo radiofônico, com exercícios práticos para a aplicação dos conceitos. Um trabalho em grupo propôs a seleção de reportagens emitidas pelas rádios Antena 1 e TSF, com a apresentação e discussão, em sala de aula, dos conteúdos transmitidos pelas emissoras. Nesse momento houve a introdução ao conceito de reportagem radiofônica, bem como os elementos relativos à narrativa no rádio. Os aspectos sensoriais presentes no rádio foram destacados nessa discussão, assim como nos trabalhos práticos seguintes que foram voltados, inicialmente, à captação de áudios, que trataram da transcrição de conteúdos sonoros e da definição



## **Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa**

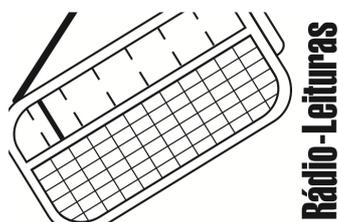
Lourival da Cruz Galvão Júnior

dos ambientes onde eles ocorreram. O conteúdo teórico discutiu, por sua vez, a especificidade do jornalismo de proximidade e da missão social do jornalismo. Nas aulas seguintes, essas ações foram complementadas pela apresentação e discussão dos planos de reportagem desenvolvidos pelos alunos e a discussão das primeiras pequenas reportagens individuais, feitas a partir da aplicação dos conceitos mostrados nas aulas.

Outra atividade prática foi audição crítica, com debate em sala, de duas reportagens radiofônicas selecionadas pelos alunos. No campo teórico foram tratados os gêneros radiofônicos, a reportagem e a construção de uma notícia a partir das reportagens analisadas no trabalho de grupo. Ainda sobre a entrevista radiofônica, o foco foi os diferentes gêneros e a análise crítica de exemplos de reportagens radiofônicas e entrevistas obtidas em emissoras portuguesas. Seguiram-se, às últimas aulas, apresentação, discussão e avaliação dos trabalhos teóricos dos grupos formados pelos alunos, culminando na avaliação das grandes reportagens radiofônicas.

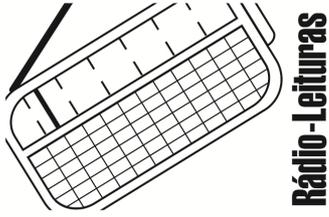
Em todos os trabalhos práticos notou-se o firme propósito de evidenciar o aspecto sensorial do conteúdo radiofônico. Os sons captados nos ambientes onde os fatos foram prospectados atuaram de forma convergente ao texto previamente elaborado, criando um conteúdo radiofônico de viés jornalístico rico em detalhes que tem o nítido propósito de deflagrar, na mente, visões dos episódios que são narrados. Essas ações não se desvincularam do conteúdo teórico, que se tornou mais amplo por não se limitar às abordagens de especificidades relativas ao processo de produção jornalístico para o rádio. A inexistência de um laboratório para produção dos conteúdos radiofônicos não interferiu na qualidade dos trabalhos elaborados pelos alunos, que se usaram dos recursos tecnológicos disponíveis para a realização das atividades.

As atividades promovidas pelo *Atelier de Jornalismo Radiofônico* revelaram que pensar o Radiojornalismo de uma maneira diferente é um desafio suscitado pelo atual ambiente facilitador da convergência de conteúdos e do uso das tecnologias digitais. A



experiência lusitana revelou uma condição similar àquela apresentada por Mario Kaplún em *Uma pedagogía de la comunicación* (2010), que destacou o trabalho do educador Célestin Freinet, responsável por promover no sul da França, em 1924, mudanças no sistema educativo no qual seus alunos estavam submetidos. Essas ações buscaram suprimir o ensino repressivo, mecânico e dissociado da vida cotidiana a partir de soluções que levaram em conta não somente as dificuldades estruturais, mas também e os problemas de saúde do educador que, durante a primeira guerra mundial atuou como soldado e sofreu, no campo de batalha, ferimentos nos pulmões. Graças à aquisição de uma pequena impressora manual, simples e barata, Freinet implantou um periódico escolar dotado de um conteúdo que era apreendido, investigado e vivido pelos estudantes. A exigência pelo rigor, clareza e precisão das informações publicadas no periódico fez com que os alunos passassem, por iniciativa própria, a se reunir para discutir os artigos, fazer entrevistas, cálculos, ler e analisar as notícias veiculadas por outros órgãos da imprensa oficial da cidade. Rapidamente a experiência chegou às outras escolas francesas, que solicitaram à Freinet seu assessoramento para desenvolver o mesmo método (*op. cit.*, p. 43-46).

Superar o esquema da classe frontal, na qual o aluno se vê como um ser passivo e reduzido a um receptáculo de conhecimento – alusão metafórica de Kaplún ao modelo bancário de Paulo Freire (*op. cit.*, p. 49-50), é um dos problemas a serem enfrentados atualmente no ambiente escolar. As práticas de Freinet, bem como os esforços empreendidos no *Atelier de Jornalismo Radiofônico*, apontam para duas premissas básicas que servem de eixos à proposta formulada por Kaplún. A primeira trata da apropriação do conhecimento que é catalisada quando os estudantes são instituídos e potencializados como emissores, e não como receptores. A segunda entende que educar é envolver-se em um processo constituído por múltiplas interações, sendo que um sistema será tanto mais educativo quanto mais rica for à trama de fluxos comunicacionais colocados à disposição dos estudantes (*op. cit.*, p. 60-61). Considera-se, assim, a força da construção coletiva dos saberes, condição que permite crer na



## Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa

Lourival da Cruz Galvão Júnior

possibilidade de pensar no futuro hoje, visando desenvolver um estudo da formação em Radiojornalismo na era da convergência das mídias.

### Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2002.

COSTELLA, Fernando A. **Comunicação do grito ao satélite**. São Paulo: Mantiqueira, 1984.

FERRARI, Poliana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2004.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KAPLUN, Mario. Uma pedagogía de la comunicaci3n. In: **Educomunicaci3n**. Más Allá Del 2.0. Barcelona: Gedisa, 2010.

LOPEZ, Débora C. **Radiojornalismo hipermidiático**: um estudo sobre a narrativa multimidiática e a convergência tecnológica na Rádio France Info. Disponível em: <[www.casperlibero.edu.br/rep\\_arquivos/2011/06/20/1308597720.pdf](http://www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2011/06/20/1308597720.pdf)>. Acesso em: 29/04/2013.

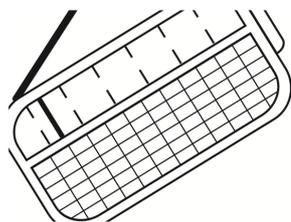
MEDITSCH, Eduardo. O ensino do Radiojornalismo em tempo de internet. Comunicação ao Núcleo de Mídia Sonora do 24º **Intercom** - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2001.

MENDES, Renato. **Os jornalistas e a primeira licenciatura em Comunicação Social em Portugal**. Lisboa: Escritório Editora, 2012.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 2. ed., 1985.

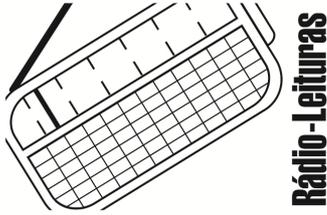
\_\_\_\_\_. Interatividade entre rosas e espinhos. In: **Revista Novos Olhares**: São Paulo, Eca/USP. Ano 1, no 2, 2o semestre de 1998, pp. 13-30.

PRATA, Nair. **Webradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.



**Rádio-Leituras**

Ano V, Num 01  
Edição Janeiro – Junho 2014  
ISSN: 2179-6033  
<http://radioleituras.wordpress.com>



## Atelier de Jornalismo Radiofônico: a promoção do aspecto sensorial da notícia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa

Lourival da Cruz Galvão Júnior

### Abstract

The incorporation of digital technologies in society and the process of media convergence have led contemporary radio to adopt a different position with respect to the production and placement of contents, which emit electromagnetic waves to become also available in cyberspace. In the case of journalism, experiences related to university education seek to highlight aspects of radio language, such as the ability to stimulate individuals in the creation of "mental dialogues" on what was reported, either analog or digital manner. In Portugal, the Faculty of Social and Human Sciences of the New University of Lisbon (FCSH / UNL), sensory activities that highlight this aspect of discipline are promoted on Radio Journalism Workshop, taught in Bachelor's Degree in Social Communication. The actions of theoretical/practical monitored during the first half of 2013 character revealed that even with the meager journalistic radio production laboratory resources were employed digital technologies available to enhance the sensory aspects of audio content, adapting them to the new converged environment in which journalism is inserted.

**Keywords:** Radio, Journalism, Training, Convergence, Digital Technologies, Language

### Resumen

La incorporación de las tecnologías digitales en la sociedad y el proceso de convergencia de los medios han llevado la radio contemporánea a adoptar una posición diferente con respecto a la producción y colocación de contenidos, que emiten ondas de radio para convertirse también en el ciberespacio. En el caso del periodismo, las experiencias relacionadas con la educación universitaria buscan resaltar los aspectos de lenguaje radiofónico, como la capacidad de estimular los individuos en la creación de "diálogos mentales" en lo que se informó, ya sea analógica o de forma digital. En Portugal, la Facultad de Ciencias Sociales y Humanas de la Universidad Nueva de Lisboa (FCSH / UNL), actividades sensoriales buscan resaltar este aspecto de la disciplina Atelier del Radio Periodismo, impartido en Licenciatura en Comunicación Social. Las acciones del teórico/práctico de seguimiento durante el primer semestre de 2013 revelaron que, incluso con los escasos recursos periodísticos de radio de producción de laboratorio se emplearon tecnologías digitales disponibles para mejorar los aspectos sensoriales de contenido de audio, adaptándolas al nuevo entorno de convergencia en el que se inserta el periodismo.

**Palabras Clave:** Tecnologías de la Radio, Periodismo, Formación, Convergencia, Digital, Lenguaje